

Lotes de Brazlândia ainda são ilegais

A falta de saneamento básico (a cidade não conta com nenhuma rede de esgoto), e a morosidade da Terracap em legalizar os loteamentos são os principais problemas que vêm enfrentando os moradores de Brazlândia.

— Nós não sabemos mais a quem recorrer. Há oito anos deram fim à invasão do Vietcong e mandaram a gente para cá com promessas de receber um lote legalizado e, até agora, nada — declarou Zaqueu Dias de Carvalho, morador do setor Norte de Brazlândia, conhecido também como o setor do «Novo Loteamento». Segundo Zaqueu, que vive de consertos de eletrodomésticos, no ano passado a Terracap começou a legalizar alguns loteamentos, «mas o negócio é muito demorado e a gente fica aqui sem poder construir nada nos lotes que julgamos ser nossos».

O presidente da Associação de Pais e Mestres daquela cidade-satélite, Manoelito Alves de Menezes, que é também vice-presidente da Associação Comercial e Industrial do lugar, emitiu a mesma opinião de Zaqueu, observando, por outro lado, que além da lentidão com que a Terracap faz o registro dos lotes, a falta de uma rede de esgoto na cidade já é assunto de calamidade pública. «No lote onde moro não tem condições de furar mais nenhum buraco», esclareceu Manoelito, acrescentando: «não saber o que fazer se a última fossa por ele construída arrebentar, como as outras». Aqui tem vários lotes onde se abrigam 6 ou 7 famílias. Não podemos falar em saúde de uma população, se não lhe damos as mínimas condições de vida» — enfatizou.

A CIDADE

Com uma população urbana em torno de 20.000 habitantes, de acordo com o censo do ano passado, Brazlândia é uma das menos populosas cidades-satélites de Brasília, mas uma das mais velhas. Apenas 21% de sua população não tem que se deslocar da cidade para trabalhar. 39,5% trabalham no Plano Piloto e 24% em Taguatinga. Outros estão distribuídos pela zona rural, não trabalham ou se ocupam de outras atividades.

O Grupo de Representantes de Quadra, que trabalha diretamente ligado ao Centro de Desenvolvimento Social (órgão da Fundação do Serviço Social, em Brazlândia), constatou a existência de 2.186 loteamentos no setor Norte da cidade e de 378 no Setor tradicional.

Dos loteamentos do Setor Norte, 2.088 já estão ocupados por residências, sendo que o grande problema a ser enfrentado futuramente, ainda de acordo com a pesquisa do Grupo de Representantes de quadra, é o fato de em um só lote, haver cinco, seis ou sete famílias instaladas, que serão despejadas para dar lugar a apenas uma família.

Esse grupo de representantes vem tentando, junto à Terracap, fazer com que essas famílias que ficarão fora dos loteamentos legais venham a adquirir também o seu lote, já que, segundo eles, «existe muita área vazia na cidade». Atualmente essas famílias pagam aluguel ao «proprietário» do lote, que tem esperança de regularizar o seu título de propriedade na Terracap.

O comerciante Geraldino Nogueira Galvão, do Bazar «GNG», da quadra 6, observa que «é um absurdo a água dessa cidade não ter tratamento». «Tem dias aqui em que não dá para a gente lavar a mão, a água parece barro». Essa sua opinião foi compartilhada por outros moradores. Ao observarem que não contam com o problema da falta de água, muitos disseram que não adianta ter água se ela não pode ser consumida. «Água aqui só serve mesmo para apagar fogo, pois todo dia tem barraco aqui pegando fogo e se a gente não correr com latas d'água e mangueira, corre o risco de o fogo se espalhar por toda a quadra» — observou Maria Vitorina, mãe de 8 filhos, moradora de um barraco na quadra 6.

Por sinal, uma outra reivindicação dos moradores de Brazlândia é a presença definitiva de uma repartição do Corpo de Bombeiros na cidade, «pois estamos sempre precisando deles, e sempre que chegam já é tarde».

Em relação a transporte urbano, verifica-se em Brazlândia a mesma queixa de outras cidades-satélites de Brasília: transportes insuficientes e em péssimas condições. O ônibus circular, que só percorre a cidade até às 17 horas, vem acarreando sérios problemas para os que estudam à noite e populares que precisam se locomover de um setor da cidade para outro, mesmo tendo em vista que são poucos os que tem condições de pagar uma passagem no circular, de Cr\$ 1,240.